

Experienciar amores pródigos, grotescos e risíveis: uma perspectiva *queer* da homossexualidade feminina na Roma Antiga.

Experiencing Prodigious, Grotesque, and Ridiculous Loves: A Queer Perspective on Female Homosexuality in Ancient Rome.

Hiandra Munique de Souza Costa¹⁴

Artigo recebido em 13 de outubro de 2025

Artigo aceito em 13 de janeiro de 2026

Resumo: O artigo propõe uma leitura *queer* das representações do desejo entre mulheres na Roma Antiga, unindo teoria de gênero e análise textual. Questiona o modelo penetrativo dominante nas interpretações da sexualidade antiga. A partir de termos como *tribas* e *frictrix* e autores como Marcial e Ovídio, analisa o modo como o homoerotismo feminino foi retratado entre o grotesco e o monstruoso. Ao adotar uma perspectiva *queer*, o texto reconhece essas experiências como legítimas expressões de prazer e subjetividade. Assim, amplia a compreensão da sexualidade romana para além da lógica heteronormativa.

Palavra-chave: Homossexualidade feminina, Roma Antiga, Teoria *Queer*

Abstract: The work proposes a queer reading of representations of desire between women in Ancient Rome, combining gender theory and textual analysis. It challenges the penetrative model that dominates interpretations of ancient sexuality. Drawing on terms such as *tribas* and *frictrix* and authors like Martial and Ovid, it examines how female homoeroticism was portrayed between the grotesque and the monstrous. By adopting a queer perspective, it recognizes these experiences as legitimate expressions of pleasure and subjectivity. Thus, it broadens the understanding of Roman sexuality beyond heteronormative logic.

Keyword: Ancient Rome, Female homosexuality, Queer Theory

Introdução

Os estudos sobre homoerotismo e homossexualidade passaram, ao longo dos últimos anos, por um processo de reformulação que lhes conferiu novos contornos e possibilidades interpretativas. Perspectivas antes negligenciadas pelas ciências humanas foram revisitadas e ampliadas, enquanto sujeitos historicamente silenciados ou relegados à margem da historiografia foram deslocados para o centro das análises (Williams, 2010, p.ix; Skinner, 1997, p.05;

¹⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3173-2453>.

Cavicchioli, 2014, p. 154). Ainda assim, quando o foco recai sobre a homossexualidade entre mulheres, percebe-se que esses avanços permanecem insuficientes. As abordagens, em grande medida, ainda não conseguem abarcar a complexidade das performances sexuais femininas, nem dar conta da necessária descentralização da heterossexualidade como norma. Isso implica reconhecer que grupos marginalizados não se constituem a partir de uma lógica sexual reduzida à penetração, mas se articulam em torno de múltiplas formas de desejo, afeto e performance, que desafiam as categorias tradicionais de análise.

As experiências sexuais e afetivas entre mulheres foram historicamente submetidas a um profundo silenciamento, resultante da naturalização da heterossexualidade enquanto uma constante ahistórica e universal (Butler, 2018, p. 36; Boehringer, 2022, p. 29). Tal processo de normatização, como observa Michel Foucault, emerge de dispositivos discursivos que produzem e consolidam uma determinada “verdade” sobre o sexo, estruturando regimes de saber e de poder que delimitam o que pode ou não ser dito acerca da sexualidade (Foucault, 2022, p. 8). Esse controle discursivo não se restringe à linguagem: ele se apresenta na própria tessitura social e histórica, orientando práticas, classificações e representações que definem as formas legítimas de prazer e de afeto (Foucault, 2022, p. 8). Assim, ao ocultar e marginalizar as relações entre mulheres, a heteronormatividade se reafirma como parâmetro regulador, invisibilizando experiências dissidentes e restringindo os modos possíveis de se pensar a sexualidade feminina na Antiguidade.

Neste artigo a teoria queer é adotada como eixo analítico central, por se mostrar uma abordagem fértil para problematizar as normas que moldam as concepções de gênero e sexualidade. Nesse contexto, o conceito de *performance de gênero*, formulado por Judith Butler (1990), ocupa papel fundamental, ao permitir compreender as identidades como construções produzidas e reiteradas socialmente. Com base nesse referencial teórico, a análise é ampliada por meio do diálogo com as contribuições mais recentes da historiografia das sexualidades, sobretudo aquelas voltadas à compreensão das homossexualidades. Esses estudos contemporâneos oferecem um suporte conceitual sólido, possibilitando

aprofundar as reflexões sobre as formas históricas de constituição, regulação e representação das experiências de gênero e sexualidade.

O presente texto se insere nesse campo de discussões ao problematizar os limites que ainda persistem nas análises sobre a sexualidade feminina na Antiguidade, em especial no que diz respeito às experiências homoeróticas entre mulheres. Ao propor a desconstrução da centralidade da penetração como categoria explicativa, o artigo contribui para o deslocamento da heterossexualidade como norma universalizante, evidenciando outras formas de desejo, afeto e performance historicamente silenciadas. Nesse sentido, esse trabalho dialoga com os esforços contemporâneos de ampliação das perspectivas historiográficas, ao mesmo tempo em que aponta lacunas que permanecem, sobretudo quanto à visibilidade das mulheres e à pluralidade de suas práticas sexuais e afetivas.

Uma nova categoria de mulheres

No vocabulário grego, sobretudo a partir do século I a.C., observa-se a criação de diversos neologismos voltados para nomear e interpretar comportamentos sexuais. Quando se tratava das relações entre mulheres, dois termos passaram a ganhar destaque, derivados do adjetivo *tribas*: *tribas* e *frictrix*. O segundo, *frictrix*, resulta da fusão entre o verbo latino *fricare* (“esfregar”) e a desinência grega *-trix*, que significa “aquela que”, mesma estrutura encontrada em palavras como *fellatrix* (“aquela que fela”) (Adams, 1990, p.184). Assim, em uma tradução livre, *frictrix* pode ser entendida como “aquela que esfrega”. Já o termo *tribas* tem sua raiz no grego *τριβάς*, derivado do verbo *τριβειν*, que significa “esfregar, masturbar” (Montiel, 2014, p.114). Em algumas definições, o vocábulo é ampliado para “mulher que tritura ou que devora”. É interessante notar, ainda, que *tribas* mantém relação etimológica com o verbo latino *tero*, cujo sentido remete a “esmagar” ou “debulhar” (Agnolon, 2007, p.156), sugerindo, portanto, uma dimensão de intensidade e força que se projetava sobre a forma como a linguagem buscava categorizar tais práticas.

A criação de um neologismo costuma estar associada a uma questão considerada significativa dentro de uma sociedade. No caso romano, essa relevância não se restringia à esfera legislativa ou jurídica, mas também podia se manifestar em dimensões sociais e culturais. O termo *tribas*, nesse contexto, tornou-se objeto de múltiplas interpretações, que variam entre a desvalorização de sua importância e a defesa de que essa categoria ocupava um espaço simbólico relevante no pensamento político e moral da Roma antiga.

Entre os estudos mais notáveis, temos o trabalho de Judith Hallet *Female homoeroticism and the denial of Roman reality in Latin literature* aponta três características que marcam a forma como autores latinos representavam mulheres em posturas homoeróticas: anacronização, masculinização e helenização (Hallet, 1997, p. 257). Para Hallet, a construção da figura da *tribas* não é um fenômeno original romano, mas antes um desdobramento de tradições discursivas herdadas da Grécia, reinterpretadas no contexto latino. Diana Swancutt (2007, p.12) dialoga com essa perspectiva ao sustentar que a *tribas* corresponde a uma invenção ideológica romana, inspirada no andrógino grego, configurando-se como um “monstro de gênero” que ameaçava a ordem do Império e que, por isso, deveria ser controlado pelo homem romano.

Apesar de sua relevância do trabalho da autora, discordamos da leitura de Swancutt no que se refere à penetração como elemento essencial na representação da *tribas*. Para ela, a figura da *tribas* era invariavelmente marcada por um perfil andrógino e fálico, mas nossas fontes, aliadas à análise etimológica, sugerem outra perspectiva: a simples existência de uma relação afetiva ou sexual entre mulheres já bastava para que se construísse um estereótipo sobre elas, independentemente de haver penetração.

Essa visão encontra eco em Bernadette Brooten (1996), em *Love between women: Early Christian responses to female homoeroticism*. A autora amplia o debate ao incorporar fontes que não se restringem à literatura da elite, mas incluem textos médicos e representações iconográficas. Para Brooten (1996, p.08) as mulheres chamadas *tribades* eram visadas porque desempenhavam, aos olhos romanos, um papel ativo — portanto, masculino — no ato sexual. Já

aquelas que permaneciam vinculadas à passividade continuavam sendo vistas como sexualmente conformes ao papel que lhes era socialmente atribuído.

Nessa mesma linha, Butrica (2005, p. 240) observa que a etimologia de *tribas* (de “esfregar”, “masturbar”) sugere que a masturbação mútua era concebida como a forma mais comum de interação sexual entre essas mulheres. Ao menos do ponto de vista etimológico, a *tribas* não deveria ser compreendida como uma figura fálica, mas sim como uma “friccionista”. Para além do tom satírico ou cômico das fontes literárias, essa prática era tratada como algo de pouca relevância.

Nesse sentido, é possível compreender a homossexualidade entre mulheres na Roma Antiga a partir de um espectro plural de representações, que oscila entre extremos de interpretação. De um lado, encontram-se categorizações que a reduzem ao grotesco e ao risível, como nos epigramas de Marcial (Epigr. 7, 67), assim como veremos adiante, onde o homoerotismo feminino aparece como alvo de escárnio e degradação. De outro, há leituras que permitem entrever uma lógica afetiva e até poética por trás dessas relações, como no caso de Ovídio, ao evocar a figura de Safo de Lesbos em *Heroides* 15¹⁵, onde o desejo entre mulheres ganha densidade emocional. A coexistência dessas duas visões nos permite vislumbrar múltiplas formas de como a sexualidade feminina na Antiguidade não era um campo poderia ser experienciada, mesmo atravessada por disputas discursivas que ora deslegitimavam tais experiências, ora as reconheciam em sua potência erótica e afetiva.

Por uma desconstrução do modelo penetrativo na análise das relações eróticas entre mulheres

A inserção da mulher em relações sexuais com outras mulheres confronta diretamente a lógica hierárquica do *penetration model*, paradigma central na historiografia da sexualidade romana que se ancora na dicotomia

¹⁵ Já não me importam mais as garotas de Lesbos, tampouco metimneias ou pirriades. Sem graça me parecem Cidro e Anactória, nem Átis, como outrora, me é tão cara, nem mesmo outra centena que amei, não sem culpa. Sozinho tens, cruel, o que foi de muitas (Melo, 2024, p.305)

penetrador/penetrado. Esse modelo, derivado das formulações de Foucault, sustenta análises de autores como Parker e Skinner (Leite, 2019, p. 25) e tem sido amplamente mobilizado para interpretar práticas eróticas na Antiguidade. No entanto, ao ser aplicado às relações entre mulheres, o *penetration model* impõe um enquadramento reducionista. Winkler (1990), por exemplo, argumenta que tais experiências não podem ser lidas no espectro do lesbianismo moderno, mas apenas pela lógica da oposição penetrador versus penetrado (Winkler, 1990, p. 39). Nessa mesma direção, Hallet (1997) sustenta que as relações entre mulheres só se tornariam inteligíveis no horizonte da masculinização, muitas vezes associadas ao uso de dispositivos de penetração (Hallet, 1997, p. 257). Cantarella (1988), por sua vez, descreve a figura das *tribades* como mulheres dotadas de um clitóris avantajado, supostamente capaz de desempenhar o papel fálico. Já Parker (1997) reforça essa concepção ao sugerir que os romanos construíram a imagem da *tribas* como alguém que, com esse mesmo atributo, poderia encenar uma “paródia sexual” por meio do atrito entre vulvas. Dessa forma, a tradição interpretativa centrada no *penetration model* não apenas reafirma a primazia da penetração como eixo explicativo do sexo, mas também limita a compreensão da diversidade das práticas homoeróticas femininas na Roma Antiga, reduzindo-as a uma leitura que inevitavelmente recorre à lógica fálica.

Embora tais interpretações tenham desempenhado papel central na consolidação dos estudos sobre sexualidade na Roma Antiga, seus limites tornam-se evidentes quando confrontados com perspectivas contemporâneas que buscam deslocar a centralidade do falo e da penetração como medida única da experiência sexual. Ao insistirem na masculinização da mulher ou na invenção de figuras como a *tribas* para explicar o desejo entre mulheres, esses modelos acabam por reforçar a heteronormatividade que pretendiam problematizar, reproduzindo a exclusão das práticas homoeróticas femininas de uma legitimidade própria. É justamente nesse ponto que uma leitura em chave *queer* se faz necessária: ao tensionar os discursos normativos, desestabilizar categorias fixas e recuperar as múltiplas formas de prazer e afeto que escapam à lógica

penetrativa, tal perspectiva permite vislumbrar a riqueza de experiências sexuais entre mulheres na Antiguidade, não como meras “anomalias” ou “paródias”, mas como expressões legítimas de desejo e de subjetividade.

A Roma Antiga e a homossexualidade entre mulheres

As concepções acerca da homossexualidade entre mulheres na Roma Antiga revelam-se múltiplas e permeadas por ambivalências. No caso de Marcial, o olhar recai sobre um registro que oscila entre o grotesco e o risível, colocando em evidência não apenas a estranheza social diante dessas práticas, mas também o riso como mecanismo de controle e ridicularização. A figura de Filênis, apresentada como uma *tribas*, é inscrita em uma performance de masculinidade que a desloca para o campo do desmedido. Assim como o comer em excesso ou o consumo exagerado de vinho, sua sexualidade é associada ao universo do grotesco, reforçando a ideia de excesso e desordem que transgride a norma e, por isso mesmo, é alvo da sátira de Marcial:

LXVII

*Pedicat pueros tribas Filênis
et tentigine saeuior mariti
undenas dolat in die puellas.
Harpasto quoque subligata ludit
et flauescit haphe, grauesque draucis
halteras facili rotat lacerto,
et putri lutulenta de palaestra
uncti uerbere uapulat magistri:
nec cenat prius aut recumbit ante
quam septem uomuit meros deunces;
ad quos fas sibi tunc putat redire,
cum colyphia sedecim comedit,
post haec omnia cum libidinatur,
non fellat – putat hoc parum uirile –
sed plane medias uorat puellas.
Di mentem tibi dent tuam, Philaeni,
cunnum lingere quae putas uirile* (Mart. Ep. 7.67).

67

Filênis roçadeira enraba rapazotes
e, mais furiosa que a libido dum marido,
fode por dia onze meninhas.
Cingida, joga com a péla também
e, amarela com o pó, halteres,
pesados para atletas, gira com braço ligeiro;
e toda emporcalhada do pó da palestra
se submete aos golpes do mestre untado.
Nem janta ou se põe à mesa antes
de ter vomitado sete medidas de puro vinho!
Julga ela, então, que lhe é lícito repeti-los,
quando comeu dezesseis nacos de carne.
Após tudo isso, ao se entregar aos prazeres,
ela não chupa – julga ser pouco viril –
mas as meninas – no meio – devora-as
inteiramente.
Que os deuses te dêem juízo, Filênis, tu que
julgas viril lambem bocetas (Agnolon, 2007,
p.156)

Entretanto, a sátira não constitui o único espaço em que o pródigo e o grotesco são associados às relações eróticas entre mulheres. No universo literário ainda em formação de Ovídio, marcado por tensões entre desejo e interdito, os amores proibidos não encontram lugar legítimo. Em sua poética, tais experiências

emergem sob a forma de punições ou metamorfoses, como se a própria natureza fosse mobilizada para reordenar aquilo que escapa à norma (Citroni, 2006, p. 604). Assim, os vínculos homoeróticos femininos não apenas são recusados, mas também reelaborados em narrativas que os enquadram como desvios passíveis de correção, em um movimento de constante refazer e desfazer dos limites do aceitável (Ov. Met. IX).

Entre os exemplos oferecidos por Ovídio, destaca-se a história de Ífís, descrita como “pródigo” (*monstri*), nascida em Festo, nas proximidades do reino de Cnossos. Criada como menino e prometida em casamento a Iante, Ífís experimenta o dilema de um desejo considerado impossível: apaixonada pela noiva, reconhece a incongruência de um amor que, para os moldes da norma, não poderia se consumir. Em sua reflexão, a própria personagem interroga a natureza de sua paixão, perguntando-se por que, dentre tantos afetos possíveis, foi tomada por um desejo “monstruoso”. Ovídio coloca na boca de Ífís a comparação com outros amores prodigiosos da tradição cretense, como o da filha do Sol pelo touro. Ainda assim, mesmo diante de exemplos fabulosos, sua paixão é considerada mais monstruosa, pois rompe com a lógica binária do macho que ama a fêmea, instaurando um amor que desafia a ordem estabelecida, como é possível observar na seguinte passagem:

*cognita quam nulli, quam prodigiosa
novaeque cura tenet Veneris? si di mihi
parcere vellent, parcere debuerant; si non, et
perdere vellent, naturale malum saltem et de
more dedissent. nec vaccam vaccae, nec
equas amor urit equarum: urit oves aries,
sequitur sua femina cervum. sic et aves
coeunt, interque animalia cuncta femina
femineo conrepta cupidine nulla est. vellem
nulla forem! ne non tamen omnia Crete
monstra ferat, taurum dilexit filia Solis, femina
nempe marem meus est furiosior illo,
si verum profitemur, amor. (Ov. Met. 9, 727-
737).*

Que saída me resta a mim, a quem domina um amor estranho, a mim, quem domina uma paixão monstruosa e desconhecida? Se os deuses quieram salvar-me, deveriam salvar-me. Se não, e me quisessem perder, tivessem me dado ao menos uma enfermidade conforme à natureza e conforme aos costumes. Não arde de paixão uma vaca por outra, nem uma égua por outras éguas. Arde o carneiro de paixão pelas ovelhas; busca o veado suas fêmeas. É deste modo que acasalam as aves e, entre todos os animais, nenhuma fêmea é arrebatada de paixão por outra. Desejava nem sequer ter existido! Mas para que Creta gerasse toda a espécie de monstros, amou um touro a filha do Sol. Sim, mas foi uma fêmea a amar um macho. O meu amor, para dizer a verdade, é bem mais violento que esse” (Dias, 2021, p.521).

Para que esse amor pudesse ser realinhado ao que se entendia como conforme à natureza, Ovídio recorre à intervenção divina: é Ísis quem transforma Ífis em homem, adequando o corpo ao desejo. O poeta descreve a nova forma com sinais claros de masculinidade — o passo mais largo, os cabelos curtos e desalinhados, a coloração mais viva no rosto, que perde a palidez anterior —, atributos que concretizam a passagem de um amor “impróprio” para um amor normatizado (Ov. Met. 9, 783-791).

Narrativas de mudança de sexo biológico não são raras na literatura romana, sendo frequentemente registradas como acontecimentos extraordinários. Plínio, por exemplo, afirma ter testemunhado em mais de uma ocasião a transformação de mulheres em homens, classificando tais eventos como prodígios. Em sua *História Natural*, relata o caso ocorrido durante o consulado de Públio Licínio Crasso e Caio Cássio Longino: uma jovem, ainda sob a autoridade do pai, teria se transformado em um menino e, por determinação dos arúspices, foi enviada para o exílio em uma ilha deserta. Licínio Muciano, por sua vez, teria visto em Argos a figura de Aresconte, anteriormente conhecida como Arescusa, que já se encontrava casado, apresentando barba e outros sinais de virilidade. Plínio também menciona Esmima, descrita de modo semelhante, como exemplo de mulher que adquiriu atributos masculinos (Plínio, *História Natural*, 7, 4, 3). No entanto, no caso de Plínio, torna-se complexo determinar se essa transformação se deve à concepção de hermafroditismo, amplamente difundida no imaginário romano, ou se se refere, antes, a uma alteração relacionada à performance de gênero.

Ex feminis mutari in mares non est fabulosum. invenimus in annalibus P. Licinio Crasso C. Cassio Longino cos. Casini puerum factum ex virgine sub parentibus iussuque haruspicum deportatum in insulam desertam. Licinius Mucianus prodidit visum a se Argis Arescontem, cui nomen Arescusa fuisse, nupsisse etiam, mox barbam et virilitatem provenisse uxoremque duxisse; eiusdem sortis et Zmyrnae puerum a se visum. ipse in Africa vidi mutatum in marem nuptiarum die L. Consitium civem Thysdritanum, vivebatque cum proderem haec (Plin. HN. 7, 4, 3).

A transformação de mulher para homem não é coisa de mitos. Encontramos nos Anais que, em Casino, durante o consulado de Publio Licínio Crasso e Caio Cássio Longino, uma pessoa, que era uma jovem sob a autoridade do pai, se tornou um menino, e por ordem dos arúspices foi deportada para uma ilha deserta. Licínio Muciano relata que ele viu em Argos a Aresconte, que antes se chamava Arescusa e até mesmo se casara; então, lhe cresceram a barba e a virilidade, e ele se casou. Ele também viu, em Esmima, um menino com as mesmas características. Eu mesmo vi na

África Lúcio Cônio, um cidadão trisditano, que se transformou em homem no dia do casamento (e estava vivo quando escrevi isso)¹⁶.

Algumas das fontes aqui analisadas não se ajustam à lógica de uma dicotomia homem/mulher baseada em uma diferença dimórfica absoluta (Laqueur, 2001, p. 17). Tal constatação reforça a pertinência da teoria segundo a qual, antes do século XVIII, o sexo era compreendido menos como uma realidade ontológica e mais como uma categoria sociológica (Id., p. 19). Em certos momentos, sobretudo nas fontes literárias — como no livro IX das *Metamorfoses* de Ovídio —, emerge a possibilidade de transições de sexo biológico. Esses episódios não apenas evidenciam a instabilidade dos corpos na tradição antiga, mas também tensionam diretamente os preceitos de imutabilidade sexual que se consolidariam apenas nos discursos médicos e científicos da modernidade.

Para Sêneca, contudo, a modificação relacionada às mulheres não se dá propriamente no corpo, mas no comportamento e na performance. Em suas *Epístolas* (95, 20–21), ele afirma que as mulheres passaram a ser atormentadas pelas mesmas doenças dos homens justamente porque, à semelhança deles, entregam-se em excesso ao vinho e recorrem ao uso da neve para aliviar o estômago. Mais do que hábitos alimentares ou vícios, trata-se, para Sêneca, de uma transgressão das fronteiras de gênero: as mulheres já não ocupam a posição submissa durante o ato sexual e, ao recusarem esse papel, perderam aquilo que ele entende como o “privilegio” de seu gênero, assumindo para si as doenças atribuídas aos corpos masculinos. Sêneca, desse modo, desloca a discussão da esfera biológica para a moral e performática, reafirmando o quanto a sexualidade feminina, quando desviante, é interpretada como um risco à ordem natural e social.

¹⁶ Tradução nossa

O antinatural e a punição

Diversos desses autores romanos interpretavam a passividade sexual como uma disposição intrínseca das mulheres (Sen. *Ep.* 95,20-21; Mart. *Ep.* 12.96), o que reforçava sua posição de subordinação tanto nas práticas eróticas quanto nas estruturas sociais. Ainda assim, há registros que revelam brechas nesse padrão de comportamento imposto aos corpos femininos. Quando mulheres se relacionavam entre si e, especialmente, assumiam papéis tradicionalmente vinculados à penetração — papel reservado ao homem nas relações heterossexuais —, essa inversão das expectativas de gênero provocava incômodo e reação entre os moralistas romanos. As fontes literárias, como veremos a seguir, sugerem que tais condutas eram vistas como ameaças à ordem natural e exigiam “correção”. Esse tensionamento entre desejo e norma resultava em discursos que prescreviam desde advertências morais até punições físicas, como a violação, com o objetivo de restaurar o equilíbrio das hierarquias sexuais e reafirmar a lógica de poder que sustentava o mundo romano.

Nas *Metamorfoses*, Ovídio apresenta de forma recorrente a ideia de que o estupro poderia atuar como um “remédio” ou “ajuste” para paixões e condutas consideradas contrárias à natureza. Essa lógica de violência sexual como instrumento de correção atravessa toda a obra e se repete em diferentes episódios narrativos. Como observa Richlin (1992, p. 162), mais de cinquenta relatos de estupro aparecem distribuídos pelos quinze livros do poema, o que evidencia não apenas a presença constante do tema, mas também a maneira como ele é tratado como parte integrante da ordem moral e simbólica do mundo romano. A normalização dessa violência nas *Metamorfoses* revela, assim, como a agressão sexual é mobilizada literariamente como mecanismo de restauração da hierarquia de gênero e como punição às formas de desejo que escapam às normas patriarcais e heteronormativas da época.

Segundo Boehringer (2022, p. 282), o beijo trocado entre Calisto e Júpiter, que se apresenta sob a aparência de Diana, revela uma aceitação implícita de uma relação sexual entre Calisto e a deusa, ainda que envolta em engano e

disfarce. O aspecto mais revelador, contudo, é a brevidade dessa interação: o momento de intimidade surge e desaparece rapidamente, simbolizando a fugacidade das relações entre mulheres no universo ovidiano. Essa transitoriedade sugere que, para Ovídio, os vínculos amorosos ou eróticos femininos existiam apenas de modo passageiro, quase invisível dentro da narrativa mitológica.

Sêneca também aborda as consequências impostas às mulheres que ultrapassavam os limites das performances de gênero consideradas aceitáveis. Diferentemente de outros autores, contudo, ele associa essa transgressão não a uma punição externa, mas ao próprio corpo feminino, que adoece como reflexo do desvio. O adoecimento surge, assim, como metáfora moral e física da desordem provocada pela quebra das normas de conduta, funcionando como um mecanismo de correção e reafirmação das hierarquias de gênero e da disciplina corporal no pensamento moral romano:

(20) *Maximus ille medicorum et huius scientiae conditor feminis nec capillos defluere dixit nec pedes laborare: atqui et capillis destituuntur et pedibus aegrae sunt. Non mutata feminarum natura, sed victa est; nam cum virorum licentiam aequaverint, corporum quoque virilium incommoda aequarunt. (21) Non minus pervigilant, non minus potant, et oleo et mero viros provocant; aequae invitae ingesta visceribus per os reddunt et vinum omne vomitu remetiuntur; aequae nivem rodunt, solacium stomachi aestuantis. Libidine vero ne maribus quidem cedunt: pati natae (di illas deaeque male perdant!) adeo perversum commentae genus inpudicitiae viros ineunt. Quid ergo mirandum est maximum medicorum ac naturae peritissimum in mendacio prendi, cum tot feminae podagrica calvaeque sint? Beneficium sexus sui vitiis perdiderunt et, quia feminam exuerant, damnatae sunt morbis virilibus* (Sen. Ep. 95, 20-21).

(20) O mais importante médico e fundador dessa ciência, disse que mulheres não perdiam cabelo nem sentiam dor nos pés: no entanto, seus cabelos caem e elas sofrem com os pés. A natureza das mulheres não mudou, mas ela foi vencida; pois, assim como os homens, assumiram a mesma falta de moderação e, assim, também adquiriram os mesmos problemas físicos que eles. (21) Elas passam as noites da mesma forma que os homens, bebem tanto, desafiam os homens com óleo de perfume e vinho puro; o que elas colocam em seus corpos, embora não tolerem, é vomitado de volta pela boca, assim como os homens. Elas chupam neve para aliviar a inflamação do estômago. E mesmo na luxúria, com a libido dos maridos se equivalem. Embora tenham nascido passivas (que os deuses e as deusas as destruam!), elas inventaram uma forma tão perversa de impudícia que submetem os seus maridos. Deve-se, então, ficar surpreso que o maior médico e melhor conhecedor da natureza seja pego em uma mentira, já que tantas mulheres sofrem de gota e são carecas? Elas destruíram a vantagem de seu gênero com seu comportamento errado e, por terem renunciado à sua feminilidade, foram condenadas às típicas doenças masculinas¹⁷

¹⁷ Tradução nossa

Nesse contexto, as mulheres que desafiam as expectativas de comportamento associadas ao seu sexo e gênero também são duramente castigadas. A punição, entretanto, não assume a forma de violência física direta, mas se manifesta por meio de enfermidades — como a queda de cabelo e dores nos pés —, que funcionam como símbolos corporais da transgressão. Essas doenças não apenas sancionam o desvio, mas são descritas como consequências naturais das performances masculinas adotadas por essas mulheres¹⁸.

Conclusão:

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que as representações do homoerotismo feminino na Roma Antiga não podem ser reduzidas a um único eixo interpretativo, tampouco a categorias normativas como o modelo penetrativo. As análises literárias de autores como Marcial, Ovídio, Plínio e Sêneca revelam um imaginário que simultaneamente silencia, ridiculariza e tenta controlar as expressões de desejo entre mulheres, classificando-as como grotescas, monstruosas ou patológicas. No entanto, sob uma leitura orientada pela teoria queer, essas representações podem ser revisitadas como evidências da pluralidade das experiências sexuais e afetivas que atravessaram o mundo romano, ainda que sob o peso da repressão e do discurso moralizante.

Mais do que denunciar o apagamento das mulheres homoeróticas na tradição clássica, este estudo propõe compreender o modo como a própria estrutura do discurso romano operava para regular corpos e performances, impondo à diferença o selo do “antinatural”. A partir disso, o gesto analítico não é o de preencher lacunas com identidades modernas, mas o de desestabilizar as

¹⁸ Vale ressaltar que: “Sêneca condena a postura ativa das mulheres por considerá-la contrária à natureza feminina e, portanto, perversa. Ao descrever tais práticas como *peruersum* (“perversas”) e “inventadas”, o autor indica que se tratam de condutas artificiais e *contra naturam*. O termo *peruersum*, derivado de *peruerto* (“inverter”), reforça a ideia de que essas ações subvertem a ordem natural ao atribuir às mulheres o papel ativo no ato sexual, retirando do *uir romanus* suas prerrogativas de masculinidade (Cavicchioli, 2014, p.162)

hierarquias e as lógicas que sustentaram a invisibilidade e o controle desses corpos.

Assim, ao tensionar o modelo fálico e a lógica da penetração como medida de inteligibilidade da sexualidade, o artigo reafirma a necessidade de pensar o passado de modo plural, reconhecendo a historicidade das normas e a potência das dissidências. A homossexualidade feminina na Roma Antiga, lida sob uma perspectiva queer, não é um desvio nem uma exceção, mas uma forma de existência que revela os limites do próprio sistema de gênero que buscava contê-la. Desse modo, mais do que uma análise sobre o erótico, este estudo se constitui como um exercício de reescrita histórica — uma tentativa de devolver voz, corpo e complexidade às mulheres cujos desejos foram apagados, ridicularizados ou transformados em monstros pela tradição.

Documentos:

PLINY. *Natural History*: volume IV, libri XII-XVI. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales*, volume 1-3. With an english translation by Richard M. Gummere. Cambridge: Harvard University Press, 1925.

AGNOLON, Alexandre. *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C.–104 d.C.)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEITE, Diogo Moraes. *Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELO, João Victor Leite. *Tradução integral das Heroides de Ovídio em dístico elegíaco vernáculo*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2024.

OVÍDIO, - . *Metamorfoses* Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

Referências:

ADAMS, James Noel. *The Latin sexual vocabulary*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

- AGNOLON, Alexandre. *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C.–104 d.C.)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOEHRINGER, Sandra. *Homossexualidade feminina na Antiguidade grega e romana*. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.
- BROOTEN, Bernadette J. *Love between women: early Christian responses to female homoeroticism*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.
- BUTRICA, James L. Some myths and anomalies in the study of Roman sexuality. *Journal of Homosexuality*, v. 49, n. 3-4, p. 209–269, 2005.
- CANTARELLA, Eva. *Según natura: la bisexualidad en el mundo antiguo*. Madrid: Ediciones Akal, 2021.
- CAVICCHIOLI, Marina Regis. Fama e infâmia na sexualidade romana. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 3, p. 153–169, 2014.
- CITRONI, Mario. Et al.;. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- HALLETT, Judith P. Female homoeroticism and the denial of Roman reality in Latin literature. In: HALLETT, Judith P.; SKINNER, Marilyn B. (org.). *Roman Sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 1997, p. 255–273.
- LAQUEUR, Thomas; WHATELY, V. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEITE, Diogo Moraes. *Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MONTIEL, Juan Francisco Martos. La influencia griega en el léxico erótico latino. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, n. 16, p. 105–136, 2014.
- PARKER, Holt N. et al. The teratogenic grid. In: HALLETT, Judith P.; SKINNER, Marilyn B. (org.). *Roman Sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 1997, p. 54–73.
- SKINNER, Marilyn B. Introduction. In: HALLETT, Judith P.; SKINNER, Marilyn B. (org.). *Roman Sexualities*. Princeton: Princeton University Press, 1997, p. 3–25.
- SWANCUTT, Diana M. Still before sexuality: “Greek” androgyny, the Roman imperial politics of masculinity and the Roman invention of the *tribas*. In:

FOKKELMAN, J. P.; DE HAAN, M. (org.). *Mapping gender in ancient religious discourses*. Leiden: Brill, 2007.

WILLIAMS, Craig A. *Roman homosexuality*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WINKLER, John J. *The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in ancient Greece*. London: Routledge, 2013.